



MEC/IBC/DTE/DDI
ANO II
NÚMERO 19
NOVEMBRO/
DEZEMBRO 2016

BOLETIM

Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação

Música é vida e, por isso mesmo, nesta edição do **“Trocando ideias”** não poderíamos deixar de conversar com a professora de música do IBC, Claudia Maria Moreira Sant’Anna para falar deste recurso tão presente na vida dos alunos e reabilitandos desta instituição. A professora Claudia, com sua grande experiência no ensino de música para alunos cegos e de baixa visão, esclarece algumas questões sobre o assunto.

“Saiba mais” informa sobre algumas pesquisas, referentes ao deficiente visual e seu contato com a música. Informe-se sobre as pesquisas visando à utilização de novos métodos através de um sistema computacional. Leia sobre o papel da Musicografia Braille no ensino de música para pessoas com deficiência visual e saiba sobre uma oficina de música, na qual alunos com deficiências visuais aprendem a construir instrumentos musicais com materiais alternativos.

“E no IBC”, você ficará sabendo acerca de pesquisas em andamento no IBC, tais como: os estudos da aluna de pós-graduação em Ortopedia Traumatologia e Esporte da UVA, Fernanda Mara Cordeiro, e os ganhos da terapia assistida por animais na melhora da marcha de crianças com deficiência visual

associada a outras deficiências ou síndromes. Nessa coluna, você também terá conhecimento sobre a pesquisa intitulada **“Pleno Sentido”**, da professora de Design da UFRJ, Elizabeth Motta, quanto à alfabetização de crianças cegas visando desenvolver ferramentas em que todos os sentidos remanescentes facilitem de modo lúdico a aprendizagem. E por fim, a pesquisa, cujo tema é **“Autoaceitação e Insatisfação de Adultos com Cegueira Precoce”**, da pesquisadora Rayanne Nayara Gomes dos Santos Dias da Silva, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

“O que há de novo” é a coluna onde você encontrará novidades no mundo da deficiência visual.

Nesta edição do Boletim, o **“Conhecendo o IBC”** apresenta a Divisão de Produção de Material Especializado (DPME), que faz parte do Departamento Técnico Especializado (DTE).

Se você gosta de Matemática, fique atento ao **“Divulgando”** e atualize sua agenda para os eventos marcados para o próximo ano.

Não esqueça, caro leitor, de deixar suas sugestões, críticas e contribuições no **“Espaço do leitor”**.

Música e deficiente visual: “Vocação musical independe de condição visual”

TROCANDO IDEIAS

A professora Claudia Maria Monteiro Sant’Anna tem Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Música, pela UNI-Rio, pós-graduada em Psicomotricidade pela Universidade Cândido Mendes e formada em Braille e Musicografia Braille pelo Instituto Benjamin Constant. Trabalhou e realizou por treze anos vários cursos na área de transcrição na Imprensa Braille, IBC. Atuou na área da Ed. Musical na Clínica Escola HB, Colégio Pedro II e hoje, no 2º. Segmento do Instituto Benjamin Constant, responde também pela Coordenação Musical.

1. Em sua opinião, qual a importância do ensino de música para o aluno com deficiência visual?

Seja o aluno deficiente visual ou não, oportunizá-lo ao ensino musical é favorecer o seu desenvolvimento nos aspectos psicológico, motor e afetivo. É fato, que a música para o deficiente visual é uma forte ferramenta para o ingresso no mercado de trabalho.

2. Saber tocar um instrumento é diferente de saber ensinar música? E você, toca algum instrumento?

Sim. Nem todo instrumentista é um Educador Musical, embora o domínio de algum instrumento seja essencial como recurso nas aulas de música. Curiosamente, os alunos acham que o professor de música toca todo e qualquer instrumento, o que na realidade não acontece. Toquei piano durante muitos anos e há 14 anos toco caixa na Unidos de Vila Isabel. Hoje, meu interesse é investir em outros cursos de percussão, incluindo a percussão corporal.

3. Como funciona o ensino da música no IBC?

A Educação Musical contempla os alunos do IBC, desde a Educação Infantil até 9º ano, sob o ponto de vista pedagógico. A equipe de música do IBC acredita no “fazer musical”, onde os alunos participam de apresentações e projetos musicais, alguns integrados com outras disciplinas. Na Reabilitação, os adultos que perderam a visão ou estão perdendo, através das aulas de música, individuais ou em grupo, têm a oportunidade de acreditar na superação e resgatar a autoestima. Atualmente, a Reabilitação possui um grupo musical que divulga seu belo trabalho em apresentações dentro e fora do IBC.

4. Que tipo de metodologia os professores do IBC utilizam?

A metodologia é um percurso, através de pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo (entrevistas e perfil dos participantes), levantamento de repertório, oficinas, entre outras coisas.

5. Como foi sua trajetória como professora de música? O que você destacaria como importante em relação ao trabalho com a deficiência visual?

Ainda na faculdade, iniciei minha trajetória dando aula particular de piano, aproximadamente por um ano. Paralelo ao trabalho de transcritora Braille e de Musicografia Braille na Imprensa, atuei com alunos cegos e autistas-cegos na Clínica-Escola HB, na Urca, por oito anos. Fui professora no Colégio Pedro II (contrato temporário, de 2001 a 2003) atuando no 1º. e 2º. segmentos. Atualmente, professora de Ed. Musical, do 2º segmento do Instituto Benjamin Constant e também respondendo pela Coordenação Musical.

Destacaria uma palavra: Desafio. Tanto do professor quanto do aluno.

6. Trabalhando com música, é inevitável que alguns alunos tenham mais vocação musical do que outros. Como o professor pode lidar com isso?

Primeiramente é preciso esclarecer que vocação musical independe de condição visual. Nem todo aluno cego tem o “ouvido” para a música. Existem também aqueles alunos que se encontram acima da média. Posso dizer que hoje, nós temos no IBC esses perfis variados de alunos. Acredito que o professor, através de pesquisas e trocas de experiências, consiga buscar estratégias para que os alunos possam aproveitar ao máximo as atividades musicais propostas.

7. Como um aluno deficiente visual aprende Música? E quais aspectos devem ser considerados no ensino de música para esses alunos?



Sempre me perguntam “se dar aula de música para cego é difícil”. Sempre respondo que “é igual a dar aula de música para videntes, sendo que com algumas adaptações”. O aluno tanto aprende de forma lúdica quanto pelo método tradicional e para este eu cito a aplicabilidade da Musicografia Braille (escrita e leitura musical em braile) que ainda é insuficiente e desconhecida por grande parte dos docentes do ensino musical. As universidades de música não nos preparam para dar aula para cegos e tão pouco nos ensinam Musicografia, num momento onde a inclusão acontece.

8. Qual sua avaliação sobre a Educação musical para o deficiente visual no IBC e no Brasil?

A Educação Musical no IBC, sempre se destacou, tanto na formação de músicos profissionais (instrumentistas), como profissionais na área da educação. A equipe musical atual do IBC, repensando os objetivos da educação musical na escola, vem discutindo novos caminhos para uma reformulação do ensino musical.

No Brasil, questões que envolvem o ensino de música para o deficiente visual necessitam ainda de muitas discussões, principalmente quando não temos ainda um ideal de inclusão e alguns de nossos alunos estão chegando às Universidades de Música. A formação docente, a metodologia e os recursos devem ser repensados.

SAIBA MAIS

1) Pesquisador: LEONARDO AUGUSTO CARDOSO DE OLIVEIRA

Título: O deficiente visual em contato com a música

Tipo de Pesquisa: DISSERTAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Resumo: Diversos estudos documentam a importância da música para a pessoa com deficiência visual como veículo para linguagem comunicativa. No Brasil ainda há poucos estudos sobre música e cegueira, embora haja uma forte tradição cristã de “performance” musical de cegos pedintes no mundo ocidental. Este estudo, de natureza qualitativa, pretende compreender quais as problemáticas enfrentadas por pessoas cegas que tenham atuação em música como atividade de lazer ou profissional quanto ao acesso à aprendizagem da música. Com base em seus relatos sobre a vivência e formação musical de pessoas cegas, o objetivo foi criar subsídios que possam nortear o preparo de professores de música que atuam com pessoas com deficiência visual.

Os participantes do estudo foram adultos com cegueira congênita ou adquirida precocemente que atuam no campo da música profissionalmente ou por lazer. Por meio de entrevistas semi-estruturadas, procurou-se conhecer suas vivências no campo da música: preferência musical, conhecimento formal em iniciação musical, instrumento ou canto, e interesse em realizar atividades rela-

cionadas ao ensino musical. Os participantes foram indicados por profissionais que trabalham em instituições de Campinas e região que atendem a deficientes visuais e no Centro Cultural Louis Braille de Campinas. Os dados foram analisados por categorização e discutidos a partir da literatura e da realidade do cenário cultural atual. Os resultados apontam para a ausência da iniciação musical na escola e destacam a importância do incentivo da família, da comunidade, e o engajamento do próprio aluno com deficiência visual nos seus processos de formação musical.

2) Pesquisador: SANDRA FERNANDES DE OLIVEIRA LIMA

Título: Proposta de um sistema computacional utilizando metáforas aderentes à escrita e leitura musical por deficientes visuais e seus acompanhantes, utilizando células hexadecimais com quatro pontos em relevo, conceitos da numerofonia e a codificação numérica do código braille, 01/03/2013

Tipo de Pesquisa: TESE

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Resumo: Aprender música, principalmente através de partituras musicais, é uma tarefa difícil, mesmo para pessoas que não possuem problemas visuais. O aprendizado musical demanda anos de esforço e de dedicação. Por outro lado, a tarefa de aprender música, para um deficiente visual, é bem mais complexa. Além da complexidade do Código Braille para música (Musicografia

Braille), há poucas pessoas capacitadas a ensinar música através deste método. Este trabalho apresenta uma solução que busca tanto simplificar a codificação da escrita e leitura musical através de células de pontos em relevo, como, também, tornar o ensino e o aprendizado mais atrativos, exigindo dos deficientes visuais e seus assistentes, um menor esforço, menos tempo e menos dedicação. Este trabalho apresenta uma solução computacional que busca dar, aos deficientes visuais, acessibilidade às músicas à medida que as mesmas são postadas na internet. Infelizmente, a maior barreira a ser enfrentada, ainda é a falta de profissionais para ensinar o deficiente visual a ler tal codificação. O sistema proposto, e já em protótipo, apresenta uma nova codificação simplificada, apresentando a partitura da música em células básicas de 4 pontos em relevo (4 raised dots arranged in cells), em formato musical textual e em formato numerofônico.

O método proposto tem como base o paradigma da codificação decimal proposta por Braille e o paradigma numérico já utilizado na codificação internacional de eventos musicais. O método desta pesquisa apresenta um paradigma que permite, com um menor esforço e menor dedicação, a capacitação dos professores, dos familiares e dos assistentes dos deficientes visuais no aprendizado da notação Musical aqui proposta. Destaca-se ser isto relevante devido ao fato de que, uma vez que o assistente aprenda o paradigma e ele consiga ler as músicas, ficará mais fácil ensinar ao deficiente visual sob sua tutela, a nova musicografia. Um software foi idealizado e implementado em linguagem funcional CLEAN para geração dos códigos da musicografia deste trabalho, bem como dos outros paradigmas voltados à utilização pelos acompanhantes dos deficientes visuais.

3) Pesquisador: RAFAEL MOREIRA VANAZZI DE SOUZA

Título: O ensino da Musicografia Braille para pessoas com deficiência visual: desafios e possibilidades, 29/08/2014

Tipo de Pesquisa: DISSERTAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Resumo: Esta pesquisa busca levantar dados que possam auxiliar o ensino de música para pessoas com deficiência visual. Esse campo de estudo tem sido muito pouco aprofundado pela educação musical tradicional e há poucas referências especializadas tratando da Musicografia

Braille. A metodologia dessa pesquisa se baseia em duas tarefas principais. A primeira é analisar as partituras em braille por meio de teorias sobre aprendizagem musical fornecidas por Sloboda, classificando as partituras de acordo com os desafios de aprendizagem definidos por Bonilha.

A segunda é comparar um mesmo trecho musical escrito em braille e escrito em partitura convencional. Somado a isso conteúdos de entrevistas e relatos de experiência sobre esse ensino inclusivo e especializado.

4) Pesquisador: SHIRLEI ESCOBAR TUDISAKI

Título: Ensino de música para pessoas com deficiência visual, 30/05/2014

Tipo de Trabalho de Conclusão: DISSERTAÇÃO

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Resumo: Este estudo discute os processos de ensino de música para alunos com deficiência visual. Para tanto, foram traçados quatro objetivos: (1) descrever os conceitos e princípios gerais que se aplicam à deficiência visual e ao ensino musical destinado a estes alunos; (2) verificar como o ensino de música para estes alunos está sendo oferecido no Brasil, sob o ponto de vista pedagógico e legislativo; (3) avaliar as adaptações empregadas neste processo de ensino; (4) refletir acerca das competências e habilidades necessárias ao educador musical para a docência de alunos com deficiência visual.

A metodologia seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa, utilizando como ferramentas para a coleta de dados a pesquisa bibliográfica e documental; a pesquisa de campo sob a forma da observação participativa, realizada na organização Laramara; e a entrevista, realizada com educadores musicais de referência no ensino de música para tais indivíduos. A revisão de literatura concentrou-se em três eixos: leitura e aprofundamento nos textos nacionais e internacionais voltados para a temática; levantamento bibliográfico das teses e dissertações sobre a temática defendidas no Brasil; e leitura dos ordenamentos legais que norteiam o tema. Na etapa inicial da pesquisa, verificou-se que os cursos de Licenciatura em Música/Educação Musical das Universidades Públicas do Estado de São Paulo não oferecem disciplinas voltadas ao ensino de música para pessoas com deficiência visual, embora a legislação vigente determine que estes indivíduos



os estejam incluídos na sala de aula. A partir desta constatação, passou-se a refletir a respeito de como os educadores musicais poderiam trabalhar com alunos com deficiência se não há este preparo na Universidade. A análise das aulas observadas, a opinião dos entrevistados e o referencial teórico permitiram elencar as competências e habilidades necessárias ao educador musical para a atuação frente a alunos com deficiência visual. Além disso, foram contempladas as ferramentas e os materiais de apoio pedagógico a serem utilizados pelos educadores musicais frente ao trabalho com estes indivíduos.

5) Pesquisador: JOSE CARLOS QUINTANILHA

Título: Uma oficina de música para alunos com deficiências visuais: Construção de instrumentos musicais com materiais alternativos, 06/06/2013

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Tipo de Pesquisa: DISSERTAÇÃO

Resumo: Apresentamos no presente trabalho uma proposta de oficina de música para alunos com deficiência visual, lançando mão de procedimentos com construção de instrumentos musicais e “performance”. Por meio de uma descrição e análise da oficina são contemplados os procedimentos pedagógicos em diálogo com toda a trama social.

O trabalho objetiva descrever os procedimentos didáticos realizados na oficina e, ainda, ana-

lisar e criticar os dados coletados, a partir de um entendimento pós-moderno de educação, visando construir subsídios para o ensino de música na diversidade, oferecendo uma proposta dinâmica a educadores que desejam trabalhar com construção de instrumentos musicais em práticas inclusivas. A partir desses focos, estabelece-se uma triangulação entre três eixos: 1) as entrevistas com os alunos, 2) com a professora da instituição, e 3) nosso olhar como pesquisador imerso no contexto, na figura de professor de música da oficina, documentado pelas anotações de campo e algumas gravações de áudio de realizações musicais. Como resultado, os instrumentos musicais são construídos pelos alunos, e ferramentas são adaptadas para a situação. O trabalho ganha uma ampliação de público, pois dentro da diversidade, as especificidades dialogam com a coletividade, logo, muitos dos procedimentos descritos podem ser adaptados, ou não, em outros contextos na educação musical especial. Dentro da própria cegueira, perceberam-se particularidades que geram novos desdobramentos e modos de entender o aluno com deficiência visual. O trabalho aponta para novos contextos onde há possibilidades da utilização de seus procedimentos, a citar: pessoas idosas, surdas, entre outras. A deficiência deixa de ser o foco e passa a ser entendida como uma característica do aluno a ser contemplada dentro do conceito da inclusão. Este aluno, um ser humano singular, passa a ser visto como, potencialmente, autor de riquíssimas contribuições para o processo pedagógico.

E NO IBC ?

Fernanda Mara Cordeiro, aluna da pós-graduação em Ortopedia Traumatologia e Esporte da Universidade Veiga de Almeida (UVA) e também Fisioterapeuta voluntária do “Projeto Pelo Próximo”, realiza parte do desenvolvimento da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação, intitulado “A influência da terapia assistida por animais na melhora da marcha de crianças com deficiência visual associada a outras deficiências ou síndromes”. Segundo a autora, a pesquisa tem como objetivo “Avaliar por meio de questionário, fotos e filmagem os ganhos obtidos na marcha de criança com deficiência visual associada a outras deficiências ou síndromes submetidas à terapia assistidas por animais onde o cão é um agente estimulador e mediador que influencia significativamente e positivamente o tratamento”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de março a julho de 2016.

Elizabeth Motta Jacob, professora da UFRJ na área de Design, realiza Projeto de extensão, intitulado “Pleno Sentido”. Segundo a autora, o “objetivo é desenvolver ferramentas gráficas em Braille e/ou ampliadas que auxiliem no processo de alfabetização destas crianças assistidas pelo IBC e que tenham formato lúdico e apelem para os sentidos através do uso de texturas, aromas, sabores, e outros elementos de interação que possam ajudar a pessoa com deficiência visual a desenvolver plenamente seus sentidos a fim de se tornarem cada vez mais autônomos”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de maio de 2016 a maio de 2017.

Rayanne Nayara Gomes dos Santos Dias da Silva, aluna da graduação e pesquisadora da área de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, realiza parte do desenvolvimento da pesquisa autônoma, intitulada “Autoaceitação e Insatisfação Corporal de Adultos com Cegueira Precoce”. Segundo o autor, a pesquisa tem como objetivo “Ampliar o conhecimento acerca de imagem corporal de pessoas com cegueira precoce, visando fornecer, a profissionais de Educação Física e áreas afins, subsídios teóricos consistentes para intervenções mais assertivas e eficazes com pessoas com cegueira.” O período previsto para a pesquisa no IBC é de outubro de 2015 a julho de 2017.

O QUE HÁ DE NOVO?

Gotas de novo colírio podem curar catarata sem necessidade de cirurgias

Por: Lilian Silva

Catarata é uma doença ocular onde a visão fica cada vez mais turva – como se a pessoa estivesse olhando através de uma cachoeira, daí o nome. É responsável por mais da metade dos casos de cegueira no mundo inteiro. O tratamento da catarata é caro e depende de cirurgia, o que pode ser um problema para países em desenvolvimento onde o sistema de saúde é precário. Cientistas têm tentado, sem muito sucesso, desenvolver um medicamento que cure a doença.
NO ENTANTO, HÁ ESPERANÇA.

Uma pesquisa da Universidade da Califórnia descobriu que, quando a catarata surge por causas genéticas (outra causa comum é a idade avançada), uma substância chamada lanosterol deixa de ser produzida. Quando esse gene é saudável, o lanosterol evita que a catarata se desenvolva. Assim, os cientistas desenvolveram um colírio que contém essa substância. Os resultados foram animadores: quando aplicados em cães que tem catarata, a doença regrediu quase completamente, possibilitando que os animais enxergassem melhor. O estudo, publicado numa revista científica famosa, ainda precisa se desenvolver. Quando o colírio deixa de ser aplicado, a tendência é que a catarata volte a piorar. O professor Kang Zhang, chefe da equipe de cientistas, diz que o colírio pode ser decisivo quando os primeiros sinais de catarata são detectados.
O OBJETIVO É DESENVOLVER UMA DROGA BARATA E EFICIENTE PARA O TRATAMENTO DA DOENÇA.

Já o Dr. Manuel Datiles, do Instituto Nacional de Saúde, nos Estados Unidos, afirma que os colírios não resolvem completamente o problema: apenas deixam a visão do portador de catarata menos turva, ao contrário da cirurgia, que permite ao paciente enxergar com uma visão 20 anos mais jovem. Ele ressalta que apesar de os colírios contornarem uma série de limitações impostas pela possibilidade de cirurgia, ainda não é possível que possam substituir uma operação. Entretanto, será uma arma importante em um mundo onde a população não para de crescer e nem todos tem acesso a cirurgias.

Fonte: <http://awebic.com/ciencia-e-tecnologia/como-um-simples-colirio-pode-devolver-visao-quem-tem-catarata/>

CONHECENDO O IBC

A Divisão de Produção de Material Especializado (DPME) chefiada por Aires da Conceição Silva, com a DDI, DCRH e DID, subordinada ao Departamento Técnico Especializado (DTE) compete:

I – Pesquisar e produzir material especializado indispensável à educação e à vida diária das pessoas cegas e de visão reduzida;

II – Pesquisar, elaborar, experimentar e adaptar recursos e material didático-pedagógico para a educação e integração de pessoas cegas e de baixa visão reduzida na família, na sociedade e no grupo profissional a que venham pertencer;

III – Fornecer subsídios técnicos a outras entidades, bem como aos sistemas de ensino, na pesquisa e na produção de material didático-pedagógico e de atividades da vida diária, em articulação com a Secretaria de Educação Especial;

IV – Elaborar catálogos de Material didático e para a vida diária a serem utilizados pelas pessoas cegas e de visão reduzida.

Entre em contato com a DPME pelo telefone (21) 3478-4474 ou (21) 3478-4475.

Se preferir, envie e-mail para dpme@ibc.gov.br.

Fonte: <http://www.ibc.gov.br/?catid=129&blogid=1&itemid=76>

DIVULGANDO

A MATEMÁTICA ATRAENTE E DIVERTIDA PARA TODO MUNDO - De 27 a 30 de abril de 2017

O Festival da Matemática faz parte do conjunto de iniciativas de popularização da Matemática e marca o início do Biênio da Matemática no Brasil 2017-2018. O evento nasce para encantar os pequenos desde 2 anos de idade até os adolescentes mais exigentes. Atividades lúdicas e divertidas voltadas a toda a família formarão o campo ideal para despertar novas formas de vivenciar a Matemática e desfazer o preconceito que existe em relação à disciplina.

Oficinas + Exposições + Protótipos em 3D + Jogos Eletrônicos + Mostra de Filmes + Palestras + Teatro
Um convite perfeito para estimular o pensamento e criar conexões produtivas com o mundo que nos cerca. Um grande encontro entre a Matemática e você. Participe!

ESPAÇO DO LEITOR

Caro leitor, sua participação é muito importante. Envie suas sugestões ou divulgações para o nosso e-mail: boletimcesibc@gmail.com.

EXPEDIENTE

Direção Geral do Instituto Benjamin Constant
João Ricardo Melo Figueiredo

Gabinete do Instituto Benjamin Constant
Érica Deslandes Magno Oliveira

Departamento Técnico Especializado
Ana Luisa Mello de Araújo

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação
Naiara Miranda Rust

Remetente:



Instituto Benjamin Constant

Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

Centro de Estudos e Pesquisas
Edney Dantas de Oliveira
Fábio Garcia Bernardo
Maria Rita Campello
Naiara Miranda Rust
Rachel Maria C. M. de Moraes

Comissão Editorial
Edney Dantas de Oliveira
Flávia Ferreira Pascoalino
Isabel Cristina Ribeiro de Mello
Marcelo Edward Pereira
Vitor Alberto da Silva Marques
Wagner Dias Santos

Diagramação
Rodrigo Vieira Alves da Costa

Contatos: IBC-DDI
Avenida Pasteur, nº 350, Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240
tel. (21) 3478-4517
Email:
ddicentrodeestudo@ibc.gov.br

Destinatário:

